

A história de um pneu

Val Gomes

Já fui um pneu novinho em folha. Saí tinindo da fábrica. Peguei asfalto, areia do mar, terra de montanha. Depois, passaram-me para o eixo de trás. Continuei viajando. Conheci o Sul, as terras gaúchas. Conheci o Nordeste, o litoral baiano.

O tempo passou, fiquei velho e careca. Deixaram-me no porão, junto a outros pneus velhos. Ouvi dizer que um pneu até já virou chinelo.

As crianças levavam-me para o alto do morro. De lá, elas me soltavam. Puxa vida, eu continuava veloz. Às vezes, trombava em um cupinzeiro. Às vezes, não! Eu ia direto pra baixo, para um lugar mais plano.

Na última vez em que descí o morro, caí dentro de um corguinho.

Passei lá a noite inteira. Depois, senti o frio da madrugada e o calor da manhã. Conheci uns peixes, uns sapos. Patos, marrecos, gansos e galinhas também passaram por lá para bater um papo. Os cachorros da fazenda deram uma espiada.

De tarde, quando já estava ficando triste – pois achei que havia sido esquecido – e alguns mosquitos chegaram zoando, exigindo que eu desse-lhes guarida, tiraram-me de lá. Me rodaram, rodaram, rodaram. Fiquei sequinho e, após o pôr do sol, fui colocado de novo no porão.

O que vocês acham que pode acontecer comigo amanhã?